

## Educação inclusiva: atendimento educacional no Hospital de Reabilitação e Readaptação CRER em Goiânia

Ricardo Antonio Gonçalves Teixeira\*

Antônio Alves dos Santos\*\*

Uyara Soares Cavalcanti Teixeira\*\*\*

Cleomar de Sousa Rocha\*\*\*\*

Nelson Filice de Barros\*\*\*\*\*

### Resumo

O artigo propõe realizar um estudo acerca do atendimento educacional hospitalar, foco da política da classe hospitalar do MEC, e do atendimento educacional especializado, foco da política de educação especial do MEC, realizados no hospital de reabilitação e readaptação Crer. Utiliza-se como metodologia uma pesquisa transversal, exploratória e de base qualitativa, valendo-se de observações participantes e entrevistas semiestruturadas com duas professoras da Seduce, lotadas no Naeh, que realizam atendimentos pedagógicos no Crer. Enquanto resultado, o estudo apresenta os processos pedagógicos, a organização do ensino no referido hospital, a estrutura disponibilizada e a percepção das educadoras quanto ao trabalho desenvolvido na instituição. Em termos de conclusão, o estudo mostra a importância do trabalho pedagógico realizado e enfatiza a necessidade de formação para atuação nas classes hospitalares.

**Palavras-chave:** educação inclusiva, educação especial, classe hospitalar, atendimento educacional hospitalar, AEE.

Inclusive education: educational services in the Rehabilitation and Readaptation Hospital CRER in Goiânia

### Abstract

The article proposes to carry out a study about hospital educational services, policy focus of MEC in hospital class and specialized educational services, focus of MEC in special

---

\* Faculdade de Educação e Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Goiás. E-mail: professorricardoteixeira@gmail.com.

\*\* Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: antoniosintoniacomdeus@hotmail.com.

\*\*\* Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte de Goiás. E-mail: uyaras@gmail.com.

\*\*\*\* Programa Avançado de Culturas Contemporâneas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: cleomarrocha@gmail.com.

\*\*\*\*\* Faculdade de Ciências Médicas e Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Campinas -SP. E-mail: nelfel@uol.com.

education policy, carried out in hospital rehabilitation and readaptation Crer. Uses as a methodology, a cross-sectional, exploratory and qualitative basic research, making use of participants and semi-structured interviews with observations of two teachers in Seduce, packed in Naeh, performing educational assistances in Crer. As a result, the study presents the pedagogical processes, the organization of teaching in that hospital, the available structure and perception of teachers as to work in the institution. In conclusion, the study shows the importance of pedagogical work carried out and emphasizes the need for training to work in the hospital classes.

**Keywords:** inclusive education, special education, class hospital, hospital educational service, AEE.

---

## Introdução

Este artigo propõe apresentar o trabalho desenvolvido por professores da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte de Goiás (Seduce) que ofertam atendimento educacional hospitalar no Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (Crer). Objetiva, nesse sentido, compreender os aspectos pedagógicos de tais atendimentos, bem como as questões relativas à organização e estrutura disponibilizadas.

Realizada no período de maio de 2014 a agosto de 2015, a pesquisa, metodologicamente, caracteriza-se como transversal, exploratória e de base qualitativa. Os dados foram coletados por meio de observações participantes no hospital e de entrevistas semiestruturadas com as professoras da Seduce que realizam atendimento pedagógico no Crer.

Para a análise dos dados, foram utilizados os pressupostos da Análise de Conteúdo de Franco (2008) e Bardin (2010).

O estudo contou como base documental as políticas de educação inclusiva no Brasil, na observância da classe hospitalar e atendimento educacional especializado (AEE). Para a classe hospitalar adotou-se a política do MEC denominada “Classe hospitalar e atendimento domiciliar: estratégias e orientações” (BRASIL, 2002) e os documentos da Seduce: *Núcleo de atendimento educacional hospitalar – Hoje: o que é e como funciona* (GOIÁS, 2013); *Núcleo de atendimento educacional hospitalar – Hoje* (GOIÁS, 2014). Para a discussão sobre AEE utilizou-se a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e Resolução CNE/CEB nº 4/2009 (BRASIL, 2009).

O tópico a seguir apresenta a estrutura e organização dos atendimentos pedagógicos realizados no Crer.

## A Classe Hospitalar e o AEE no Crer

O Crer, localizado na região norte de Goiânia, no antigo espaço do polêmico Hospital Psiquiátrico Adalto Botelho, é tido como centro de referência nacional, com oferta de atendimento especializado em reabilitação a pessoas com deficiência exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Suas atividades tiveram início, em 2002, com demandas de atendimentos graves.

De acordo com informações institucionais,<sup>1</sup> o hospital, com 30 mil metros quadrados de área construída, conta com 136 leitos de internação, 20 leitos de UTI, oito salas cirúrgicas, ginásios de terapias, centro de diagnóstico e oficina ortopédica, entre outros espaços. Diariamente, são realizados cerca de 4,7 mil procedimentos, distribuídos nas clínicas de amputados, deficiência neuromuscular, hanseníase, lesão medular, encefálicas, mielomeningocele, paralisia cerebral, traumatologia e ortopedia.

Em setembro de 2004, o Crer, entidade beneficente de assistência social, firmou convênio com o Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (Naeh), órgão da Gerência de Ensino Especial da Seduce, que concentra as estruturas de políticas, projetos e ações de educação inclusiva em todo estado de Goiás. Em parceria com os hospitais, o Naeh oferece atendimento pedagógico aos educandos em condições especiais de saúde, estejam eles hospitalizados, em tratamento e/ou em convalescença, sem possibilidades de serem alcançados pelas práticas educacionais em contextos convencionais, como as classes comuns do ensino regular.

Além do atendimento pedagógico hospitalar, no Crer é promovido o Atendimento Educacional Especializado (AEE), instituído pela Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva Inclusiva (PNEE-EI) (BRASIL, 2008), regulamentado pelo Decreto nº 6.571/2008, revogado pelo Decreto nº 7.611/2011, e operacionalizado para a Educação Básica pela Resolução CNE/CEB nº 4/2009.

Em conformidade com a referida Resolução, em seu art. 1º, o AEE tem como público de atendimento pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e seu atendimento é ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas, sem fins lucrativos, como é o caso do Crer.

---

1 Entrevista com gestores e documentos disponibilizados no site institucional ([www.crer.org.br](http://www.crer.org.br)).

O Naeh disponibiliza duas professoras para os atendimentos pedagógicos no Crer<sup>2</sup> em turnos distintos. O turno matutino tem como educadora a professora Juliana e o vespertino, Suzana.<sup>3</sup>

A professora Suzana, 50 anos de idade, é formada em Letras, com especialização em Docência do Ensino Superior, atuou por um longo período na docência pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), *campus* de Anápolis. Em Classe Hospitalar, antes de atuar no Crer, a professora passou pelo Hospital Araújo Jorge, que é especializado em atendimento oncológico, também realizou atendimentos domiciliares, modalidade de atendimento mais voltado a estudante em processo de convalescença. Além do Crer, a professora atua, ainda, como docente em uma escola militarizada em Goiânia pertencente à rede estadual de educação.

A professora Juliana, 38 anos, por sua vez, é graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia. Além de atender no Crer, sua única experiência em atendimento educacional hospitalar, atua na rede pública municipal de Goiânia, em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Não só as professoras que trabalham no Crer, como todos os professores do Naeh que atuam em hospitais, necessitam atender algumas exigências específica de cuidados com a própria saúde e a dos educandos como: uso constante de jaleco para proteção e identificação (*cor-de-rosa*); o não uso de maquiagem, brincos, colares e demais adereços; cuidados específicos quanto à higiene pessoal; uso de sapatos fechados, dentre outros. A esse respeito, de forma crítica, as professoras entrevistadas relatam que as educadoras estão sujeitas aos mesmos riscos e obrigações dos profissionais de saúde no interior do hospital, porém, em termos de remuneração, os profissionais da saúde recebem recurso adicional de insalubridade, enquanto os da educação não gozam de tal direito.

Acerca da estrutura de atendimento educacional, no Crer, as educadoras avaliam ter à disposição boas condições de trabalho. Dizem contar com suporte material, sempre que necessário, desde que a solicitação seja feita com antecedência à equipe do centro de referência.

Em termos de estrutura física e material para as aulas coletivas, o hospital conta com uma sala de aula com, aproximadamente, 80 metros quadrados, localizada no terceiro andar do prédio. O espaço é amplo e climatizado, dispõe de um conjunto escolar com 10 carteiras com mesas

---

2 Ressalta-se que cabe ao Naeh a oferta atendimento educacional/pedagógico hospitalar, mas que, em caráter de exceção, também oferta ao Crer o AEE.

3 Os nomes das educadoras citadas são fictícios.

integradas e duas outras mesas, uma delas para uso das educadoras e outra para o computador; um computador com acesso à internet; um armário de madeira; quatro estantes plásticas, sendo duas pequenas e duas médias. No espaço há uma biblioteca com acervo aproximado de 400 obras, dentre elas: dicionários da língua portuguesa, volumes de literatura e de literatura infantil, pequenas coleções bíblicas, variedades de revistas e livros didáticos das diversas áreas da Educação Básica.

No espaço também foi organizada uma brinquedoteca contendo jogos pedagógicos, jogos de memória, fantoches, blocos de montar, material dourado, alfabeto móvel construído com diferentes materiais, dominós matemáticos, ábacos, além de recursos acessíveis, como coleção de materiais concretos para educandos com baixa visão, alfabeto silábico em braile, régua de frações, alfabeto vazado, numerais e sinais, numerais e quantidades.

Tem-se, ainda, um espaço reservado para contações de histórias, forrado com tapete emborrachado (EVA) e uma casinha de fantoches. As paredes completam o ambiente com a exposição das letras do alfabeto, uma sequência numérica e um varal com a produção dos educandos.

Além dessa sala de aula, o Crer disponibiliza outros dois espaços para uso pedagógico: uma cozinha experimental e um minimercado pedagógico, espaços, segundo as educadoras, lúdicos e que aproximam os conteúdos das aulas do cotidiano das crianças.

Nem sempre as aulas ocorrem nesses espaços. Dependendo das condições de saúde do aluno ou de prescrições médicas, os atendimentos ocorrem, de forma individual, no leito onde o aluno encontra-se internado.

O público atendido pelas educadoras no Crer é diversificado. Há educandos que apresentam deficiência transitória, de longo prazo, ou permanente; outros se encontram internados por tempo determinado por variados motivos, dentre os quais se destacam os acidentes automotivos. Tais fatores exigem das educadoras constantes adaptações em seus planejamentos pedagógicos, em função das demandas e condições de saúde física e psicossocial dos alunos/pacientes.

A esse respeito, Branco (2008, p. 53-54) aponta:

É necessário lembrar que o fato da hospitalização, muda o referencial e as representações do alunado (alunos/pacientes) e dos professores. Se no ambiente escolar, os estudantes e os professores constroem representações sociais relativas à vida e à saúde, no ambiente hospitalar todo o contexto social é modificado.

Ainda na questão do planejamento, faz-se necessário atentar para o tipo de atendimento destinado a cada educando, para organização dos conteúdos e estratégias pedagógicas a serem adotadas. No caso dos educandos atendidos na categoria de AEE, em ambiente hospitalar, em conformidade com o artigo 6º da Resolução nº 4/2009, deverá ser ofertado de forma a complementar ou suplementar a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola ou fora dela. Já o atendimento pedagógico destinado a alunos da classe hospitalar, de forma distinta, em conformidade com o preconizado pela política de classe hospitalar do MEC e da Seduce, deve contemplar conteúdos orientados pelo Currículo Referência da rede municipal ou estadual de educação, em conformidade com a origem do aluno.

Sobre a questão de diversidade de atendimentos realizados, a professora Juliana descreve:

*"Meus atendimentos são diversos. Atendo, por exemplo, educandos com problemas auditivos [deficiência auditiva/surdez], problemas nos membros superiores e/ou inferiores com questões motoras [deficiência física], problemas de visão [deficiência visual], e alguns desses educandos são crianças que ainda não foram sequer alfabetizadas."*

Em função da particularidade da atuação pedagógica no ambiente hospitalar, a política do MEC estabelece demandas/necessidades de formação aos professores:

O professor que irá atuar em classe hospitalar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didáticos pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso. (BRASIL, 2002, p. 22).

Ressalta-se que o trabalho pedagógico no hospital não é uma questão de vontade pedagógica dos educadores, mas de competência profissional e formação para atuação em hospitais. Para Vasconcelos (2015), os processos educacionais no ambiente hospitalar se diferem muito daqueles realizados nas escolas comuns. Não se trata de uma transferência de ambiente ou meras

adaptações pedagógicas. Para a autora, as “condições estão fora dos modos de trabalho educativo da escola, onde normalmente a saúde é um requisito, onde a palavra não é necessariamente uma prioridade e onde o silêncio muitas vezes é equivalente à atenção” (p. 30).

Juliana e Suzana afirmam que a formação continuada dos professores para atuação em classe hospitalar é ofertada semestralmente pelo Naeh. Sempre que um novo professor é selecionado para atuação na classe hospitalar, recebe orientação mais pontual antes do contato com os alunos em condições pedagógicas especiais. As professoras entrevistadas avaliam que essa formação é essencial não só para aquisição de novos conhecimentos, mas, sobretudo, como espaço para discussões e reflexões de situações reais vivenciadas nos hospitais ou domicílios.

Como os atendimentos pedagógicos são realizados em diferentes espaços – domicílio, leito ou sala de aula multisseriadas nos hospitais – com presença de alunos de diferentes idades e níveis de ensino, não há uma formação básica ideal para o professor atuante em classe hospitalar.

Em termos de perfil dos professores que atuam nessa modalidade de ensino, o quadro de docentes do Naeh é constituído exclusivamente por mulheres, sendo quase 70% de pedagogas. Embora nem todas as educadoras sejam do quadro efetivo da Seduce (para aproximadamente 20% o regime de contrato é temporário), é importante enfatizar que não se trata de trabalho voluntário, mas de profissionais da educação vinculados à Seduce que realizam trabalho pedagógico em caráter contínuo, orientado e supervisionado.

A disponibilização de professores para o atendimento pedagógico no Crer ocorre, inicialmente, por uma equipe multidisciplinar do hospital que faz um encaminhamento formal da demanda ao Naeh.

As professoras do Crer indicam que há algum tempo a Seduce consentia todas as solicitações de atendimento pedagógico aos diferentes hospitais, inclusive estendendo tal atendimento aos acompanhantes dos educandos com pouca ou nenhuma escolarização. Suzana acrescenta que tal extensão de atendimento deixou de ser ofertada devido a novas políticas da Seduce, que passou a exigir dos educandos a matrícula na escola pública da Educação Básica e laudo médico comprovando a impossibilidade do educando em frequentar a sala de aula comum de sua escola.

Ao receber a demanda do Crer, cumpridas as prerrogativas para o atendimento pedagógico, uma assistente social do Naeh é designada para

uma entrevista com o educando e familiares/entes responsáveis. Posteriormente, a escola do educando é comunicada e um professor do Naeh é encaminhado para o atendimento educacional.

Nos primeiros encontros com o aluno e responsáveis (embora não mais podendo participar das aulas, os responsáveis devem estar presentes na sala, para fins de acompanhamento), o professor preenche uma ficha com informações pessoais, sociodemográficas e acadêmicas do educando e encaminha à Seduc para registro e acompanhamento. A partir do segundo encontro, as professoras conduzem suas aulas em conformidade com o seu planejamento realizado e acompanhado por uma equipe pedagógica no Naeh.

Em conformidade com a política do MEC (BRASIL, 2002), o atendimento educacional hospitalar/domiciliar em Goiás é extensivo a crianças, jovens e adultos da Educação Básica que estejam devidamente matriculados em uma escola da rede regular de ensino pública (GOIÁS, 2013, 2014). Sobre esse último aspecto, as professoras entrevistadas relataram que não é incomum alunos de escolas particulares fazerem suas matrículas em escolas públicas para terem direito ao atendimento pedagógico durante o tratamento de saúde.

No Crer, assim como nos demais hospitais e domicílios, a organização pedagógica dos conteúdos, como apresentado, deve ser orientada pelo Currículo Referência da rede estadual ou municipal de educação, a depender da rede de origem do aluno. Os conteúdos desse currículo são distribuídos por bimestres, de modo a nortear a prática do educador em diferentes espaços e contextos educacionais. Com base nesse currículo são elaborados os planejamentos, as aulas e atividades, contemplando, assim, todas as áreas de conhecimento e os conteúdos previstos para cada bimestre, seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio. A esse respeito, a professora Suzana esclarece:

*"Nós não inventamos conteúdos, nós nos orientamos pelo currículo [referência]. Deste modo, tudo o que seria ministrado no bimestre, numa escola, é ministrado para o aluno em classe hospitalar, já que o trabalho do Núcleo [Naeh] é para evitar a evasão escolar e reinserir o educando na escola após o seu tratamento. Então, o trabalho do educador em classe hospitalar tem que contemplar os mesmos conteúdos que estão na escola."*

Sobre os atendimentos realizados no leito, a professora Juliana expõe:

*"Os atendidos no leito, muitas vezes, são os de reabilitação, que acabam ficando entre dois a quatro meses internados. Para estes pacientes, o "mundo parou" lá fora, já que todas as suas atividades sociais estão temporariamente*



*suspensas, sendo que a escola é a única coisa que ainda lhes resta, e essa atividade escolar acaba proporcionando a eles um novo ânimo."*

Estudos realizados por Teixeira e colaboradores (2015a; 2015b) mostram que, para além dos aspectos relacionados à redução de evasão, distorção série/idade, dentre outros (elementos preconizados pelas políticas do MEC e Seduce), é percebido, pelos alunos, responsáveis e docentes envolvidos, importante contribuição da classe hospitalar no processo de tratamento dos alunos. Relatos indicam mudança de atitude e postura dos alunos/pacientes hospitalizados. Alguns deles expõem que o momento da aula é uma oportunidade de fuga das dores físicas e sociais provocadas pelo ambiente hospitalar, aproximando-os da vida que deixaram fora dos muros do hospital.

Além das dificuldades inerentes ao ambiente hospitalar para o trabalho pedagógico, também é considerado como um grande desafio, segundo a professora Juliana – que diz estender a percepção às demais colegas pedagogas –, lecionar para alunos do Ensino Médio. O profissional pedagogo tem formação para atuar, como docente, na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental; assim, de acordo com Juliana, atuar como docente no Ensino Médio, sobretudo com disciplinas de Física, Química e Matemática, é um desafio constante, exigindo muito estudo e aplicação por parte delas. Mas elas são conscientes que tais desafios fazem parte do trabalho a ser desempenhado nas classes hospitalares.

A professora Suzana, que é formada em Letras, reconhece a importância da equipe de professores de apoio disponibilizada pelo Naeh, no sentido de dar apoio e auxílio nessas dificuldades e limitações quanto aos conteúdos e procedimentos pedagógicos. Para ela, *"o apoio da equipe é essencial, principalmente para algo que seja urgente. É uma ajuda de certa forma, inicial, pois a regra maior é que nós educadoras precisamos correr atrás, para conseguir realizar o nosso trabalho."*

Como dito, no Crer os professores atendem alunos orientados por políticas distintas: atendimento educacional hospitalar e atendimento educacional especializado (AEE). No AEE, as professoras atendem, em cada turno, um número próximo de 50 educandos com deficiência ou transtornos globais do desenvolvimento. Os seus atendimentos ocorrem de segunda a sexta-feira, a partir da seguinte organização: segunda-feira, 1 hora de atendimento com grupo de nove educandos e oito atendimentos individuais;<sup>4</sup> terça-feira,

---

<sup>4</sup> O atendimento em grupo é de 1 hora, e os atendimentos individuais têm duração de 30 minutos e podem ser realizados em dupla ou até mesmo em trios.

1 hora de atendimento com grupo de oito educandos e quatro atendimentos individuais; quarta-feira, sete atendimentos individuais; quinta-feira, seis atendimentos individuais; sexta-feira, oito atendimentos individuais.

O horário de atendimento aos educandos do AEE é organizado em sintonia com os horários de consultas médicas e em conformidade com o horário de estudo dos alunos em suas respectivas escolas de origem. Ressalta-se que o AEE não substitui o ensino regular nas escolas comuns, conforme preconiza a PNEE-EI (BRASIL, 2008), que considera que o atendimento educacional especializado deve ocorrer no turno inverso/contrário ao da classe comum, na própria escola ou no centro especializado responsável por esse serviço educacional. Assim, após o atendimento médico, os educandos são encaminhados para a sala de AEE, onde acontecem as aulas.

Em termos de complexidade, além dos elementos já expostos, outro desafio das professoras do Crer é atender alunos com demandas e orientações pedagógicas distintas. Se na classe hospitalar, como dito, os conteúdos são orientados pelo Currículo Referência, no do AEE há outra dinâmica e estrutura.

A PNEE-EI, instituída pelo MEC, apresenta algumas diferenças da disposição do AEE em relação à escola comum:

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. (BRASIL, 2008, p. 10).

Quanto à organização dos conteúdos do AEE, o documento orientador, proposto pelo MEC, intitulado *A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva*, de 2010, apresenta uma vasta lista de conteúdos, recursos e orientações para o atendimento educacional especializado:

São conteúdos do AEE: Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e LIBRAS tátil; Alfabeto digital; Tadoma; Língua Portuguesa na modalidade escrita; Sistema Braille; Orientação e mobilidade; Informática acessível; Sorobá (ábaco); Estimulação visual; Comunicação alternativa e aumentativa - CAA; Desenvolvimento de processos educativos que favoreçam a atividade cognitiva. São recursos do AEE: Materiais didáticos e pedagógicos acessíveis (livros, desenhos, mapas, gráficos e jogos táteis, em LIBRAS, em Braille, em caráter ampliado, com contraste visual, imagéticos, digitais, entre outros); Tecnologias de informação e de

comunicação (TICS) acessíveis (mouses e acionadores, teclados com colmeias, sintetizadores de voz, linha Braille, entre outros); e Recursos ópticos; pranchas de CAA, engrossadores de lápis, ponteira de cabeça, plano inclinado, tesouras acessíveis, quadro magnético com letras imantadas, entre outros. (ROPOLI et al., 2010, p. 27).

Na medida em que são apresentados o perfil do alunado, os conteúdos e os tipos de materiais didáticos apropriados para o atendimento pedagógico, percebem-se, de alguma forma, os desdobramentos que as educadoras precisam realizar no dia a dia, por lidarem com necessidades muito particulares em cada tipo de atendimento.

Para atender tamanhos desafios, segundo dizem as professoras Suzana e Juliana, o planejamento é um instrumento essencial.

No AEE, para o planejamento, devem-se levar em conta todas as particularidades e o desenvolvimento de atividades anteriores. O currículo da escola, para esse público, não é eliminado, mas para alguns educandos, como afirma Juliana, é mais importante desenvolver algumas habilidades, muitas delas bem simples, como segurar um brinquedo, concentrar-se nas atividades, tudo isso sem deixar de se preocupar também com a leitura e a escrita.

A maioria dos recursos utilizados são da sala de aula do hospital e outros disponibilizados pelo Naeh. De posse desses materiais, no AEE, as professoras desenvolvem atividades de leitura e escrita, aprendizagem das cores, operações matemáticas, usando a contação de histórias, brincadeiras com jogos pedagógicos, exibições de vídeos por meio do computador, entre outras. A PNEE-EI explicita que o “lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança” (BRASIL, 2008, p. 16).

Como forma de apresentar um pouco da dinâmica das aulas de AEE, segue o relato de mediações acompanhadas na sala de aula do Crer, duas individuais, com a professora Suzana, e outra coletiva, com a professora Juliana.

Relato dos acompanhamentos individuais:

*"Em uma visita ao Crer realizada no dia 12 de abril de 2014, acompanhamos duas aulas da professora Suzana com atendimentos individuais. As alunas tinham idades aparentes de 5 e 7 anos. Nos dois acompanhamentos, observamos a exposição de mesmas atividades, porém com intensidade e respostas distintas. A professora desenvolveu atividades de reconhecimento das letras do alfabeto fixadas na parede. Ao mesmo tempo em que trabalhava*

*com a leitura, incentivava o reconhecimento de suas cores, já que cada letra se apresentava com cores diferentes. No segundo momento da aula, sentada em uma mesa com a aluna, realizava, de forma dialogada, atividade de escrita de diferentes palavras usando um alfabeto móvel. No caso da segunda aluna, em função de algumas limitações motoras, a professora deu ênfase na utilização do alfabeto móvel."*

#### Relato do acompanhamento da atividade coletiva:

*"Em um atendimento coletivo, realizado no dia 18 de agosto de 2014, com três crianças de idades entre três e cinco anos, a professora Juliana trabalhou com atividades referentes a uma história literária, explorando estimular a atenção, a imaginação e a concentração. Observamos que as crianças se envolveram na atividade. Durante as atividades de leitura, a professora fazia perguntas aos alunos. Após a aula, conversamos com a professora Juliana. Embora não acompanhado, ela destaca que há outro grupo iniciando a alfabetização, composto por educandos com idade entre seis e 23 anos. Para Juliana, a avaliação do momento pedagógico do aluno, nesse caso, é o principal critério para a definição das atividades a serem trabalhadas. Ela conclui dizendo que é muito comum trabalhar, com esses educandos, conceitos básicos, por meio de atividades ligadas ao corpo."*

As professoras lembram que muitas escolas já têm esse atendimento de AEE, mas o atendimento oferecido pelo Naeh dentro do Crer e a forma de trabalhar, especialmente as dificuldades apresentadas, constituem um diferencial que é notado pelos pais.

Juliana e Suzana fazem, diariamente, os relatórios das aulas. Os relatórios devem apresentar uma descrição dos atendimentos, desenvolvimento de atividades, avanços pedagógicos, bem como algumas necessidades de apoio de pessoal e/ou de recursos.

Os relatórios são preenchidos diariamente, contudo, a sua entrega à equipe pedagógica do Naeh é realizada apenas uma vez a cada mês.

As avaliações e atividades dos educandos de classe hospitalar, atendidos no Crer, são distintas dos educandos do AEE, visto que há diferenças, também, em suas intervenções. Os educandos do AEE têm suas avaliações realizadas a partir de suas participações, envolvimento nas aulas e avanços pedagógicos percebidos pelas educadoras. As avaliações ocorrem de forma processual, cujos apontamentos são registrados diariamente nos relatórios.

Os educandos do atendimento educacional hospitalar, em grande parte atendidos no leito, fazem as atividades da mesma forma que os

demais educandos matriculados no ensino regular; suas avaliações seguem, em geral, conforme apontam as professoras, o mesmo padrão da escola regular. Algumas escolas encaminham materiais que gostariam que fossem trabalhados com os educandos e, por vezes, esse material é utilizado pelas educadoras. Ao concluir o processo de avaliação, suas notas são encaminhadas ao Naeh acompanhadas do relatório pedagógico, que apresenta uma síntese dos planejamentos, atendimentos, observações, atividades e resultados. Cabe ao Naeh encaminhar à escola do aluno da classe hospitalar o relatório de atendimento pedagógico com as respectivas notas.

Ao receberem alta, em geral, os alunos em atendimento educacional hospitalar retornam à sua escola de origem e os de AEE acabam por continuar com o atendimento em outro local, em geral na própria escola. Essas altas médicas proporcionam abertura de vagas para outros educandos, dando continuidade ao ciclo de atendimentos pedagógicos.

### **Considerações finais**

Este artigo apresenta o atendimento educacional hospitalar e atendimento educacional especializado realizados no Crer, hospital de referência em reabilitação e readaptação de pacientes com deficiência. Além de compreender a estrutura e organização disponibilizada para tais atendimentos, o estudo apresenta a dinâmica do trabalho pedagógico.

Embora se reconheçam as limitações que o ambiente hospitalar carrega, por não se tratar de uma instituição destinada ao ensino, pela carga-horária de aula reduzida em comparação com a da escola regular, pela característica multisseriada das classes hospitalares, além de outras, o trabalho pedagógico desenvolvido no Crer, segundo avaliam as professoras entrevistadas, contribui não só com a aprendizagem dos alunos envolvidos, mas com a qualidade de vida. Para elas, mais do que conteúdos curriculares, os alunos recebem atenção, cuidado e respeito, elementos importantes no processo de tratamento e recuperação.

Ressaltam-se a diversidade e a complexidade do trabalho desenvolvido no ambiente hospitalar. O envolvimento com questões de bioética, segurança hospitalar e do trabalho, as relações estabelecidas com profissionais da saúde, dentre outros, confirmam a necessária capacitação, de forma continuada, de educadores que atuam ou visam a atuar em classes hospitalares.

## Agradecimentos

Agradecemos à Gerência de Ensino Especial da Seduce, ao Naeh e ao Crer pelo apoio institucional à pesquisa. Às professoras Juliana e Suzana pelas inúmeras contribuições à pesquisa, pela simpatia, abertura e profissionalismo, o nosso muito obrigado.

## Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BRANCO, R. F. G. R. *Capacitação de professores de Classe Hospitalar em relação professor-aluno/paciente na perspectiva balintiana*. 2008. 180 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes operacionais da Educação Especial para o atendimento educacional especializado na Educação Básica*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. *Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos*, Brasília, DF, nov. 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm)>. Acesso em: 10 out. 2014.
- BRASIL. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. *Portal MEC*, Brasília, DF, out. 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2014.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise do conteúdo*. Brasília: Liber Livro, 2008.
- GOIÁS. *Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – Hoje: o que é e como funciona*. Gerência de Ensino Especial, Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 2013.

GOIÁS. *Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – Hoje*. Gerência de Ensino Especial, Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 2014.

ROPOLI, E. A. et al. *A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. v. 1. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar).

TEIXEIRA, R. A. G. et al. A presença do lúdico no atendimento educacional hospitalar: na perspectiva das professoras da rede estadual de educação In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4., 2015, Aracaju. *Anais...* Aveiro, Portugal: Ludomedia, 2015a.

TEIXEIRA, R. A. G. et al. Classe Hospitalar: um estudo sobre o atendimento educacional no Hospital de combate ao câncer Araújo Jorge em Goiás. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4., 2015, Aracaju. *Anais...* Aveiro, Portugal: Ludomedia, 2015b.

VASCONCELOS, S. M. F. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 27-40, jan.-abr. 2015.

.....

Recebido em: 15 maio 2016.

Aceito em: 15 ago. 2016.